

EMPREENDEDORISMO NEGRO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE FUNDADORES DE STARTUPS

WALTER DIAS JUNIOR

CENTRO UNIVERSITARIO FEI

PEDRO JAIME COELHO JÚNIOR

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI-SP

EDSON SADAO IIZUKA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL INACIANA PE SABÓIA DE MEDEIROS (FEI)

MARCELO MOREIRA TOMÉ

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL INACIANA PE SABÓIA DE MEDEIROS (FEI)

EMPREENDEDORISMO NEGRO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE FUNDADORES DE STARTUPS

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a pesquisa produzida em 2019 pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) em parceria com o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e Sebrae, a taxa total de empreendedores negros no Brasil (39%) é maior do que a de brancos (37,8%). Porém, 27,1% dos empreendedores negros começam um negócio por necessidade, movidos pelo desemprego. Segundo outro levantamento, realizado pela Associação Brasileira de Startups (Abstartups), o percentual de negros fundadores de startups é de apenas 5,8%, por ser necessário maior grau de instrução sobre tecnologia, desenvolvimento de software e mercado. Nestes ambientes, a maioria dos negros fica para trás por conta da realidade social em que estão inseridos (GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR; IBQP – INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE; SEBRAE, 2019; MUNDO NEGRO, 2022; SEBRAE, 2020; IBGE, 2019). Diante desse quadro, algumas grandes empresas iniciaram, ainda que de forma incipiente, um movimento de investimentos em empresas iniciadas por empreendedores negros. O Google, por meio do Black Founders Fund – Google for Startups, já investiu R\$ 5 milhões nos últimos 2 anos e até a metade de 2023 investirá mais R\$ 8,5 milhões em empresas criadas por negros. A organização BlackRocks Startups promove negócios tecnológicos liderados por pessoas negras e fechou uma parceria com a rede social TikTok e o Banco BTG Pactual para realizar sua terceira edição de aceleração de startups cujas empresas selecionadas receberão o investimento de US\$ 5 mil dólares/mês durante dois anos. O Nubank investiu R\$ 1 milhão em startups criadas por negros por meio do seu programa Semente Preta, iniciado em 2021. Além do investimento, os empreendedores selecionados participarão de encontros de networking e mentorias com os times do Nubank.

No mundo acadêmico, o empreendedorismo negro ainda é um tema pouco explorado no que se refere à sua presença/ausência no ecossistema de tecnologia e inovação. Dentre os estudos sobre empreendedorismo negro encontrados numa revisão da literatura, a maioria é proveniente dos Estados Unidos. Contudo, percebeu-se que em geral eles abordam a questão dos empreendedores negros, mas não exploram suas conexões com startups e inovação. Trata-se de investigações que privilegiam questões como segregação racial e comércio, relação entre riqueza e empreendedorismo de negros e brancos, etc. (COLES, 1973; FESSELMAYER; SEAH, 2017). No caso do Brasil, o levantamento revelou resultados ainda mais escassos. Um mapeamento conduzido na base de dados Spell a partir das palavras-chave empreendedorismo negro, empreendedores negros e afro-empreendedorismo, foram encontrados poucos artigos que tratam do tema a partir dos nomeados salões étnicos, do afro-turismo, ou de feiras organizadas por empreendedores negros (REZENDE; MAFRA; PEREIRA, 2018; FARIAS; PIMENTEL; SANTOS, 2021; SANTOS; OLIVEIRA, 2020). Apesar da relevância destas pesquisas, elas não enfocam diretamente questões de startups e inovação. Visando preencher essa lacuna, este trabalho traz os resultados de uma investigação que abordou a questão racial no ecossistema de inovação. Buscou-se com esse estudo analisar as experiências de empreendedores negros na gestão de startups. O problema de pesquisa foi estruturado a partir das seguintes perguntas de investigação: Como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups? Quais obstáculos e quais oportunidades encontram e como agem para enfrentá-los ou aproveitá-las na gestão dos seus negócios? A fim de responder a essas perguntas, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório e natureza qualitativa. A sua operacionalização abarcou a realização de entrevistas semiestruturadas com empreendedores negros que estão inseridos no ecossistema de inovação. O texto que segue está organizado em mais quatro seções, além dessa introdução, sendo elas:

apresentação do referencial teórico, esclarecimentos sobre a abordagem metodológica e as estratégias de investigação, exposição dos resultados e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O tema do empreendedorismo já é consolidado no campo da administração, porém uma atenção ainda insuficiente tem sido dada ao empreendedorismo negro, especialmente no Brasil. Em uma revisão da literatura mapeou-se artigos internacionais e nacionais que abordam o tema, que foram então classificados em três blocos. A seguir são sumarizados os artigos que compõem cada um deles, numa narrativa estruturada a partir de uma linha do tempo, a fim de evidenciar como os estudos em cada um dos blocos se constituíram ao longo dos anos.

Bloco 1: Comparações entre empreendedores negros e brancos ou outros grupos étnicos

Levine (1972) explica que o empreendedorismo negro é um movimento que tem como objetivo a igualdade de oportunidades econômicas entre negros e brancos. Seu artigo tem como finalidade identificar tendências para poder sugerir estratégias que possam auxiliar e incentivar o empreendedorismo negro a ser mais significativo. De acordo com as análises realizadas, seria importante esforços governamentais e políticas públicas para levar o capitalismo negro a alcançar melhores resultados. Light (1972), por sua vez, por meio de dados históricos sobre linhas de crédito, demanda do consumidor, operações bancárias e opiniões de grupos étnicos minoritários que sofreram discriminação, investiga as semelhanças e as diferenças na criação e desenvolvimento de pequenas empresas entre as comunidades de imigrantes japoneses, chineses e negros nos EUA. Chegou-se à conclusão de que cada um desses grupos enfrentava nessa época dificuldades diferentes, mas todos passavam por discriminação e lhes faltava acesso à educação formal. Já Bates (1975) examina pequenos negócios de empreendedores negros e descreve as mudanças ao longo do tempo sobre o número e o volume de empréstimos em dólares direcionados para esses empresários por meio dos vários programas de empréstimo da SBA (Small Business Administration). Os números sugerem que o SBA estava aumentando o número relativo de empréstimos a grupos minoritários e as evidências indicam que empréstimos cedidos pelo governo para promover o capitalismo negro diminuiu com o passar dos anos. A SBA estaria promovendo o empreendedorismo para os negros e outros grupos minoritários, porém confiando cada vez mais empréstimos a outros grupos e menos para os empresários negros, mostrando assim que os negros têm maior dificuldade dentre os grupos minoritários para conseguir crédito. Outro estudo de Light (1979) aponta como a discriminação racial contra negros e outros grupos minoritários resulta em desemprego e baixos salários. Consequentemente, os grupos minoritários precisam abrir seus próprios negócios.

De acordo com Boyd (1996), as mudanças na composição étnica no norte dos Estados Unidos afetaram negativamente as perspectivas econômicas dos negros e do empreendedorismo negro no início do século XX, quando a migração para essas cidades começou. Este problema colocou os negros em uma situação desvantajosa economicamente até o final do século XX, impedindo-os de desenvolver atividades empresariais. Vale também citar outro estudo de Boyd (1998), que analisa a relação entre duas variáveis, sendo (1) o isolamento espacial dos negros e (2) a representação dos negros no comércio varejista no período entre 1900 e 1930. Foi concluído que após o surgimento de comunidades negras segregadas nas cidades do norte ao final do período de estudo, o isolamento espacial aumentou a participação de negros no comércio varejista. Eles teriam encontrado um nicho de mercado. Razin e Light (1998) utilizaram dados do censo de 1990 e comparam 77 imigrantes e grupos étnicos nas 16 maiores áreas metropolitanas dos Estados Unidos. Seus resultados revelam uma distinção entre grupos tradicionais (imigrantes europeus brancos) e grupos não tradicionais (imigrantes latinos,

asiáticos e negros nativos). Comparados aos grupos tradicionais, os grupos não tradicionais se concentram em poucos nichos empresariais e exibem alta continuidade de nicho nas regiões metropolitanas.

Com base em dados que cobrem 21 anos de análise (1968 a 1989) do Panel Study of Income Dynamics nos EUA, Fairlie (1999) mostrou por que existe uma significativa diferença entre os negócios de negros e brancos, sendo a taxa de empregabilidade dos negros quase um terço da dos brancos. Alguns fatores importantes podem explicar essa diferença, pois os negros têm pouco ou nenhum patrimônio financeiro e em sua maioria não possuem um negócio próprio na família. Fairlie e Meyer (2000) confirmam os resultados de Fairlie (1999), ao apresentarem um baixo índice de negros que possuíam empresas próprias em todos os tipos das indústrias de 1910 a 1990. Assim, os autores argumentam que ter pouca experiência empresarial tem um efeito negativo direto no desempenho de empresas de propriedades de negros. Teixeira (2001) apresenta um estudo que foi realizado na cidade de Toronto no Canadá cujo objetivo foi examinar o comportamento, estratégias e barreiras enfrentadas por proprietários de empresas étnicas e avaliar como raça e etnia impactam o empreendedorismo. A pesquisa visou investigar se existem diferenças no que diz respeito à utilização dos recursos do grupo (família, amigos e apoio/vínculos comunitários) e como esses recursos contribuem para a formação, manutenção e sucesso de empresas portuguesas e negras na região. Os resultados apontam que os empreendedores portugueses diferem significativamente dos empreendedores negros na medida em que confiam mais frequentemente em seus recursos comunitários étnicos. Já os empreendedores negros encontraram mais barreiras para iniciar e/ou operar seus negócios, particularmente em razão das dificuldades para obtenção de crédito/empréstimos de instituições financeiras e bancos. Contudo, apesar de tais barreiras, os empreendedores negros são mais otimistas do que os portugueses em relação ao futuro de seus negócios. Kollinger e Minniti (2006) estudaram as variáveis relacionadas as diferenças entre americanos negros e brancos no empreendedorismo. Os resultados mostram que os negros são duas vezes mais propensos a começar um negócio. Isso evidencia que a sub-representação de negros americanos entre empresários não é devido à falta de tentativa, mas sim a barreiras de entrada mais altas e altas taxas de falhas por falta de determinados conhecimentos. Em um dos poucos estudos que aborda o universo das startups, analisando dados do Panel Study of Entrepreneurial Dynamics (PSED), Edilman (2010) aponta que existem diferenças significativas entre empresas que pertencem às minorias e empresas não pertencentes aos segmentos minorizados no que diz respeito ao crescimento. Empresários negros são 50% mais propensos a se envolverem em atividades de startup do que os empreendedores brancos. No entanto, as empresas de propriedade de negros são menores e menos lucrativas do que suas contrapartes de propriedade de brancos.

Para compreender como os empresários são percebidos, Ogbolu, Singh e Wilbon (2015) realizaram um estudo que analisa as diferenças de percepção dos consumidores em relação aos empresários negros e brancos. Foram encontradas evidências empíricas de que existem relações significativas entre as percepções de legitimidade e as atitudes do consumidor em relação aos empresários, sugerindo a existência de desafios significativos enfrentados pelos empreendedores negros por não serem vistos como capazes de fornecer serviços ou produtos de qualidade. Fesselmeyer e Seah (2017) se propõe a analisar o efeito da segregação de bairros no empreendedorismo negro. Foi abordado a classificação de bairros analisando as médias das cidades por instrumentação para segregação usando configurações históricas. Os resultados sugerem que os enclaves raciais podem criar mercados protegidos para negócios de propriedade dos negros que atendem consumidores negros mantidos fora dos mercados devido à discriminação (um efeito positivo), ou podem refletir o isolamento e privação socioeconômicos motivados pelo racismo (um efeito negativo). Assim, se os empreendedores negros focam na venda de produtos para negros, a desigualdade social pode reduzir e a taxa de empregabilidade

pode aumentar, como também as vendas e receitas, uma vez que beneficia principalmente as pessoas que vivem em comunidades negras.

Kopkin (2017) explorou a relação entre o preconceito racial e a diferença no trabalho autônomo entre negros e brancos, fornecendo a primeira evidência empírica direta de que o preconceito racial afeta negativamente os empreendedores negros, particularmente em indústrias de alto custo inicial. Os resultados do seu estudo indicam que o preconceito racial dificulta o acesso do empreendedor negro ao crédito para financiar seus negócios. Em outro estudo associado ao mundo das startups, Fairlie, Robb e Robinson (2020), exploraram as diferenças raciais nos resultados associados ao lançamento de novos negócios e para essa verificação, foram utilizados dados confidenciais da Kauffman Firm Survey e dados sobre *score* de crédito para analisar as disparidades raciais no acesso ao capital para novos empreendimentos. Os resultados sobre a desigualdade racial no financiamento de startups indicam que as startups criadas por negros começam pequenas e assim permanecem ao longo dos primeiros oito anos de atividade. As disparidades na qualidade de crédito restringem os empresários negros e os tratamentos que os bancos dão a eles também. Empresários negros solicitam empréstimos com menor frequência do que brancos e em grande parte é porque já esperam que o pedido seja negado, mesmo quando possuem bom histórico de crédito e em cenários onde fortes bancos locais favorecem o desenvolvimento de novos negócios. Para que as empresas de propriedade de negros e brancos se equiparassem em tamanho, as empresas de propriedade de negros precisariam de investimentos substancialmente maiores nos anos iniciais para compensar as diferenças no momento fundação. Sobre empresas de alto desempenho com receitas acima de 1 milhão, Conley e Bilimoria (2022) investigaram os obstáculos ao crescimento e como diferem entre as companhias pertencentes a empresários negros e brancos e levaram em conta também a questão de gênero. Os resultados revelaram que a falta de acesso a capital é enfrentada por todos os grupos de empreendedores, mas mulheres negras também enfrentaram o sexismo como obstáculos para o crescimento de seus negócios. Enquanto todos os empreendedores usaram estratégias de capital social para mitigar as barreiras ao crescimento que seus negócios enfrentaram, empresárias negras empregaram o engajamento em iniciativas governamentais e corporativas de diversidade como estratégias para superar os obstáculos.

Bloco 2: Avanços e oportunidades dos empreendedores negros

Sonfield (1993) analisou questões básicas de progresso e sucesso no desenvolvimento de unidades de franquia de propriedade de negros. Algumas recomendações foram feitas para que as empresas franqueadoras desenvolvessem e fortalecessem essa minoria de franqueados, pois se o objetivo do franqueador é somente responder a pressões da sociedade e atingir cotas e metas numéricas, o esforço será o mínimo necessário para atingir essa demanda. Mas, se a empresa franqueadora enxergar questões raciais, culturais e diversidade étnica na propriedade de suas unidades como um impacto positivo na sociedade, então fará maiores esforços para atender as necessidades dos seus franqueados negros. Com o objetivo de avaliar se as políticas de ações afirmativas em relação as empresas de negros e outras minorias estão sendo realizadas com sucesso, Ram e Smallbone (2003) investigaram o entusiasmo político contínuo que incentiva o empreendedorismo no Reino Unido e influencia essa política. Os resultados sugerem que abordagens ineficazes são comuns para o suporte aos grupos de empresários minoritários. Porém, alguns exemplos encorajadores de iniciativas potencialmente satisfatórias estão em evidência, o que pode refletir uma crescente conscientização das reais necessidades dessa população. Uma série de diretrizes para políticas futuras são apresentadas, incluindo a importância da diversidade; a necessidade de uma estratégia de engajamento; melhor acesso ao financiamento e a promoção da diversidade setorial.

Jones (2017), explora narrativas de empreendedores negros sobre suas experiências e examina como esses empresários aproveitam a capacidade de efetuar mudanças por meio do discurso sobre como se engajam com os desafios socioculturais e políticos. Foram identificados quatro conceitos principais interligados: empoderamento econômico, empoderamento comunitário, legado e empoderamento da justiça social. Em geral, a narrativa dos empreendedores revelou que, para eles, o empreendedorismo negro é empoderamento cultural, pois trata-se de construir riqueza e estabilidade econômica por meio de uma cultura potente. O empreendedorismo negro é em si, um ato de resistência, uma maneira de trabalhar dentro do sistema para alcançar o empoderamento cultural apesar da discriminação e marginalização. Rezende, Mafra e Pereira (2018) vão nessa linha e abordam empresários negros com negócios voltados à estética negra. Elas estudam os salões étnicos, espaços que têm como finalidade cuidar do cabelo crespo e/ou cacheado de mulheres e homens negros. Os empreendimentos que elas analisaram enfrentam uma lógica colonialista a partir de negócios que valorizam a identidade negra. Os resultados sugerem que estes salões são uma forma de resistência na medida em que produzem, reproduzem e mantêm saberes específicos fora do eixo capitalista dominante, contribuindo para a construção da identidade racial dos negros em um país altamente racista como o Brasil.

Oliveira e Santos (2020), discutem como as práticas de organização/modo de fazer são influenciadas pela raça no cotidiano de trabalho dos negros empreendedores. Para isso, realizaram um estudo com empreendedores negros residentes na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Observaram práticas desses empreendedores implicadas com um compromisso estético e ético no combate às opressões raciais no cotidiano organizacional. Como resultados da pesquisa foi apresentado o autorreconhecimento como negro sendo um fator de grande relevância, as feiras como pontos de encontros para fazer negócios e as tecnologias móveis, por exemplo, redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas utilizados para práticas de organização dos negros empreendedores, apontadas como formas de resistência no contexto analisado.

Boyd (2020) examinou a Detroit Housewives League (DHL) com foco nas décadas de 1930 e 1940, concentrando-se nas ações dos membros da DHL como empresárias. As narrativas enquadraram a DHL como uma extensão do movimento de clubes de mulheres negras ou como parte dos movimentos de consumo dirigidos por mulheres negras das décadas na primeira metade do século 20. Essas mulheres da DHL trouxeram conhecimento prévio de negócios e gestão para sua organização e foram importantes especialistas e líderes de negócios. Por conduzirem pesquisas de negócios, criar redes comunitárias, estabelecer faculdades comerciais e outras formas de educação empresarial na cidade, o trabalho dos membros da DHL foi vital para a comunidade empresarial negra como um todo e principalmente para mulheres negras empresárias.

Com o objetivo de estudar o legado cultural dos negros no Brasil e contribuir para a desconstrução da imagem do negro atrelada à escravidão, Farias, Pimentel e Santos (2021) demonstram que o turismo étnico-afro, mediante a comercialização de roteiros específicos valorizam a cultura negra e possibilitam a abertura de postos de trabalho voltados ao empreendedor negro. Os resultados sugerem que o turismo étnico-afro também atua de forma política, social, econômica e cultural dos negros, transformando-se, assim, em uma atividade capaz de empoderar o empreendedor negro e valorizar a cultura negra e afrodescendente.

Bloco 3: Racismo Estrutural como barreira para os empreendedores negro

Coles (1973) apresenta a relação e os efeitos dos empréstimos liberados pelas instituições financeiras às empresas criadas por negros. Os resultados mostraram que os recursos das instituições financeiras no setor privado quase não tinham sido aproveitados para

a assistência ao desenvolvimento de empresas negras, mesmo os ativos sendo distribuídos entre essas instituições com o objetivo de fomentar o empreendedorismo negro em diversas regiões dos Estados Unidos. Já Irons (1976) discute os resultados de uma revisão bibliográfica sobre o empreendedorismo negro e suas justificativas, problemas e perspectivas enquanto organização em ambiente altamente racista. A comunidade empresarial, base de poder mais fundamental nos Estados Unidos, relutou muito, mas cedeu a entrada de negros americanos. Não é de se admirar que os negros historicamente tenham estado fora desse ambiente. Silverman (1998) apresenta a análise de grandes empresas de propriedades de negros e se concentra nas experiências de fabricantes negros em uma única indústria em três períodos históricos distintos. Considerar esses períodos juntos é crucial, uma vez que destacam o quão firme era a indústria étnica de produtos de beleza estabelecida como uma instituição negra em Chicago, e como a instabilidade dos fabricantes negros contemporâneos neste setor está ligada às experiências históricas dos empresários negros em geral. Boyd (2000) mostrou que a grande depressão e o desemprego obrigaram os negros a iniciarem seus próprios negócios motivados pela necessidade. Nas cidades do norte a participação de negros em diversas ocupações empresariais foi significativamente associada as más perspectivas no mercado de trabalho, sendo as mulheres negras as mais afetadas nessas cidades.

Bates (2006) evidencia que negros americanos que residem nos bairros próximos a região central das cidades são mais atingidos pelo desemprego e pela pobreza urbana, já que muitos empregos não estão no centro. O autor argumenta que as estratégias de recuperação de áreas urbanas degradadas não garantem emprego para os negros que vivem nessas cidades. No entanto, há uma nova geração de empresas bem-sucedidas e qualificadas de empresários negros que empregam principalmente trabalhadores negros. A pesquisa explora o recente sucesso dos empresários negros e sinaliza para estratégias para melhorar as perspectivas de negócios dos negros e reduzir o desemprego na comunidade negra. Já Boyd (2010) analisa empresas de varejo criadas por negros e a segregação racial em cidades no norte dos Estados Unidos antes da formação dos guetos. Ele demonstra que o empreendedorismo negro nas cidades do norte não foi afetado pela segregação residencial por raça mesmo depois da formação dos guetos. No entanto, uma análise dos dados do censo mostra que, no norte urbano durante o final do século XIX, a segregação residencial dos negros estava positivamente associada ao índice de lojistas negros, de forma que os empresários negros do varejo eram comerciantes e não vendedores ambulantes de pequenas mercadorias. Essa descoberta está de acordo com a teoria de que os negócios étnicos são muitas vezes sustentados pela segregação residencial dos membros do grupo étnico. Outro estudo realizado por Boyd (2019) mostra que pesquisas anteriores haviam apontado que durante o início do século XX as diversas atividades dos empresários negros não foram organizadas em uma economia étnica coerente. No entanto, foi realizada uma análise minuciosa com os dados do Censo que colocam essa constatação em xeque. Encontrou-se evidências que sugerem que importantes empreendimentos econômicos e sociais coexistiam para benefício das comunidades negras das cidades que foram os principais destinos dos migrantes negros do Sul no início do século XX. Harper-Anderson (2017) investigou os fatores que influenciam os resultados dos empresários negros do setor de serviços em Chicago, por meio de um estudo qualitativo. Os resultados indicam que barreiras raciais, cultura de empreendedorismo e a natureza do setor de serviços se combinam para formar um ambiente de negócios não acessível a todos. Os autores sugerem que a inclusão de modelos para o ambiente de negócios, juntamente com medidas de responsabilização, são etapas necessárias para aumentar as oportunidades deste grupo.

Visando explorar a participação dos empreendedores negros no Brasil no período de 1990 a 2008, o trabalho de Oliveira, Pereira e Souza (2013) tem por objetivo discutir como fatores étnico-raciais influenciam o perfil dos empreendedores brasileiros. Os resultados sugerem que além de os empreendedores negros apresentarem as mesmas dificuldades de outros

empreendedores no país, as questões étnicas influenciam a dinâmica dos empreendimentos realizada pelos negros, especialmente a relacionada à captação de recursos, relação com fornecedores, clientes e funcionários. Os empreendedores negros possuem maior dificuldade de acesso a recursos financeiros, como também nos processos de gestão de seus negócios.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA E ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO

A pesquisa que embasou esse trabalho buscou compreender como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups e quais obstáculos e oportunidades encontram e como agem para enfrentá-los ou aproveitá-las na gestão dos seus negócios. Tratou-se de um estudo de caráter exploratório e natureza qualitativa. Isto se deveu a dois motivos principais: 1) pela necessidade de uma abordagem que favoreça o entendimento introdutório do fenômeno estudado; 2) pela busca do entendimento da realidade construída e entendida pelos atores envolvidos, com análise privilegiando a visão delas. A operacionalização da coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas em profundidade. Foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado, abrangendo dez questões elaboradas a partir de categorias levantadas na revisão da literatura. Todavia, é importante ressaltar que este roteiro foi utilizado de forma bastante flexível, permitindo a exploração de temas que emergissem ao longo da conversa com os entrevistados (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2010).

A partir da rede de relações dos autores desse trabalho, foram convidadas a conceder entrevistas para a pesquisa pessoas empreendedoras do universo das startups que se identificam como negras. Dentre os convidados, três se colocaram à disposição para colaborar no limite de tempo que o trabalho exigia. As entrevistas foram realizadas de forma online e tiveram a duração média de 45 minutos, foram gravadas com consentimento dos participantes e transcritas posteriormente para serem analisadas. Os conteúdos serão expostos respeitando o anonimato dos participantes e das organizações que criaram. Assim, serão usados nomes fictícios os empreendedores e as startups que lideram. As entrevistas foram analisadas buscando-se relacionar as experiências dos empreendedores com o que foi encontrado na revisão da literatura sobre os obstáculos e as oportunidades vivenciados por empreendedores negros na condução dos seus negócios. Nesse processo, pretendeu-se também encontrar semelhanças e diferenças nas experiências vivenciadas por esses sujeitos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Optou-se nesta seção por apresentar as experiências de cada um dos empreendedores entrevistados, antes de fornecer uma visão de conjunto sobre elas. Assim, em cada uma das seções que seguem serão apontados: um breve perfil do entrevistado; os obstáculos encontrados por ele na condução do seu negócio; as oportunidades que encontrou na gestão do empreendimento; as ações que colocou em prática para contornar os obstáculos e aproveitar as oportunidades; seguida de uma síntese da sua experiência. Essa sequência permitiu que se chegasse a uma visão de conjunto das entrevistas.

A experiência de Wesley

Wesley tem 30 anos, vive em uma união estável, não possuindo filhos e o seu empreendimento possui 31 funcionários. Nasceu na Bahia, onde cursou a graduação em odontologia e o mestrado em saúde pública na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Após concluir a graduação, atuou no SUS na área de saúde da família. Nessa ocasião, também fez residência em saúde básica. Sua jornada até o empreendedorismo se iniciou por

circunstâncias profissionais, pois quando concluiu a graduação, se deparou com a difícil realidade dos dentistas no Brasil. Segundo o próprio Wesley, “*Odontologia é um curso que não trata do tema empreendedorismo, apesar de os dentistas também serem empreendedores*”.

Em 2019, quando cursava o mestrado, houve grande corte de bolsas para os cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Dessa forma, ele se viu obrigado a buscar um trabalho que o permitisse se manter e realizar a pesquisa. Além disso, estava descontente com a carreira de dentista, especialmente no que se refere ao ganho que lhe proporcionava. Foi então que lhe veio à mente uma ideia a partir de um pedido aparentemente inusitado de uma colega de profissão. Ela queria a indicação de um dentista especialista em tratamento de canal e que fosse negro para poder indicar a uma paciente. Justificou sua demanda por um profissional negro, apontando que essa paciente já havia sofrido discriminação racial em consultórios odontológicos de dentistas brancos. Pensou então que seria interessante criar uma startup juntamente com um sócio, também negro, com o propósito de conectar profissionais negros da área odontológica com a população negra. Havia ali uma oportunidade. A ideia evoluiu e ele ponderou que seria mais interessante abarcar os profissionais negros da área de saúde de uma maneira geral. Para tal, foi necessário um aprofundamento em alguns temas, como: saúde da população negra, discriminação racial na área de saúde e empreendedorismo, para que a empresa que pretendia criar conseguisse definir melhor sua proposta de valor. Com o amadurecimento dessa proposta, os empreendedores participaram do programa *Like a Boss* do Sebrae, que é focado em capacitações para cada estágio do negócio, realização de desafios, apoio a eventos envolvendo parceiros estratégicos do ecossistema de inovação. Sobre os maiores obstáculos enfrentados pela empresa em seu início, Wesley apontou a falta de acesso a crédito e investimento. Ele abordou esse aspecto na passagem da entrevista transcrita abaixo:

Será que alguém vai investir em uma ideia? Como podemos construir algo gastando o mínimo possível? Desde quando a gente surgiu, a gente só se esbarrou no problema do acesso a investimento para empreendedores negros. A gente foi chegando naquele momento de como é que iríamos construir nosso negócio e caímos numa barreira que existe para empreendedores negros e de outras minorias, como mulheres e LGBTQs. Esses grupos sociais ainda têm dificuldades em acessar algum tipo de capital, investidores anjos, fundos de investimentos e até empréstimo em bancos.

Essa declaração feita pelo entrevistado corrobora um aspecto encontrado na revisão da literatura relativo a obstáculos e dificuldades encontrados por empreendedores negros na gestão do negócio. Segundo Wesley, o ecossistema de inovação, que é composto por incubadoras, aceleradoras, investidores, etc., resiste ao que é diferente ou incomum, se comparado ao que já é praticado no mercado. Com isso, portas são fechadas para empreendedores e negócios negros por conta de desconhecimento, pelo fato de esses atores não entenderem o propósito social do negócio, principalmente quando se trata de um propósito social que possui um recorte racial. Para a superação desses obstáculos, ele contou com o apoio de pessoas negras e não negras aliadas à causa do empreendedorismo negro, que estavam a mais tempo atuando no ecossistema de empreendedorismo e inovação. Elas foram abrindo as portas. Ressaltou que foi de suma importância o primeiro processo de aceleração que a startup passou junto à aceleradora Vale do Dendê, que é um negócio de impacto social sediado na cidade de Salvador, destinado a fomentar ecossistemas de inovação e criatividade com foco em diversidade. Considera que esse processo deu grande visibilidade ao negócio, à empresa recém-criada. Portanto, a existência de uma aceleradora cuja atuação está voltada para à diversidade, incluindo a racial, foi uma oportunidade encontrada por Wesley. Outra oportunidade detectada por ele foi o aproveitamento da sua imagem profissional como estratégia para alavancar o negócio. Isso porque ele conta com reconhecimento social por ser uma autoridade em saúde e diversidade, por ter realizados pesquisas sobre saúde do trabalhador, relacionando-a com diversidade e

inclusão. Sendo assim, sua imagem emprestou um peso importante para o negócio, que foi se tornando único no mercado. Atualmente sua empresa é referência em saúde e diversidade, principalmente diversidade racial, possuindo um propósito social muito bem definido.

Para Wesley, existem alguns pontos comuns nas experiências de empreendedores no universo da tecnologia e das startups. Ele identificou que, de forma geral, os obstáculos que todos eles encontram são os mesmos, como a dificuldade de conseguir crédito ou investimento, e as barreiras para acessar o ecossistema que corresponde ao mercado de atuação das startups, como saúde, finanças, direito etc. Do ponto de vista positivo, ou seja, das oportunidades, ele ressaltou o fortalecimento crescente, em rede, das startups criadas por empreendedores negros. De acordo com ele, essas empresas têm se tornado parceiras e clientes umas das outras. O programa de investimento *Black Founders Fund*, do qual a empresa de Wesley recebeu incentivo, é um fundo criado pela Google para investir em startups fundadas por pessoas negras. Ele destacou que esse programa colaborou para a construção e ampliação dessa rede. Em síntese, em sua experiência Wesley, ainda que reconhecendo a existência do racismo estrutural (a discriminação racial vividas pelas pessoas negras na área de saúde), procurou superar obstáculos (acesso ao crédito e outros investimentos, barreiras para ingressar no ecossistema de inovação), e aproveitar oportunidades (pessoas negras e brancas aliadas, mais experientes no campo do empreendedorismo e da inovação, e conscientes da importância e das especificidades vividas pelos empreendedores negros, reputação da sua imagem) para conseguir alavancar seu negócio. Ele destacou como uma de suas principais conquistas os investimentos recebidos de diferentes origens, como aqueles provenientes de investidores anjo, do fundo do Google citado anteriormente e também da Fintech Nubank. E ressaltou que a maior conquista de todas foi conseguir colocar o produto na “rua” e também a recente entrada no mercado corporativo.

A experiência de Anderson

Anderson nasceu em Nova Iguaçu na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Ele tem 43 anos, é solteiro e não possui filhos. É geógrafo e o seu empreendimento conta hoje com 18 funcionários. Sua família vivia uma situação precária quando ele nasceu e por ficarem sem moradia, foram acolhidos por um terreiro de umbanda. Esse terreiro seria um local para moradia provisória, mas se tornou o lugar onde morou os primeiros 14 anos de sua vida. Anderson abordou os aprendizados que teve no terreiro no seguinte trecho da sua entrevista: “*Ali naquele espaço fui tendo aprendizados que hoje fazem parte do valor do meu negócio, como acolhida, ancestralidade, referências afro civilizatórios*”. Isso porque sua mãe foi adotando outros irmãos e irmãs, tornando sua família muito maior.

Anderson ressaltou que desde muito pequeno revelou uma personalidade ousada, voltada para iniciativas. Uma delas foi na década de 1980, quando tinha aproximadamente 11 anos de idade e começou a organizar excursões para a praia. Como sua família era muito pobre e grande, acessar espaços de lazer era difícil. Considera essa sua primeira atividade empreendedora e de natureza associada ao seu atual ramo de atividade, que é o turismo. Com um perfil articulado e mobilizador, começou a participar de grupos de jovens da igreja católica e de movimentos sociais, se tornando ativista em diferentes causas. Esse feito lhe proporcionou oportunidades e uma delas foi ingressar no movimento de pré-vestibulares que lutava, na década de 1990, por ações afirmativas para jovens negros e de baixa renda. A partir desse movimento, Anderson passou a tomar parte de uma experiência de ações afirmativas via bolsas de estudos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Durante a graduação, em 2004, foi o primeiro negro da Baixada Fluminense a receber uma bolsa de intercâmbio para estudar nos Estados Unidos, na prestigiosa universidade de Harvard.

Após se formar, em 2006, teve acesso rapidamente ao mercado de trabalho, tendo atuado em mineradoras, empresas de telecomunicações, dentre outras. Sendo um homem negro, com

uma identidade positivamente afirmada, *dread* no cabelo desde muito jovem, sempre vivenciou situações de racismo. Em uma das empresas que atuou, era necessário fazer muitas viagens. Então, sempre teve problemas em hotéis, como descreve no seguinte trecho da entrevista: “*Minhas reservas eram as que mais demoravam a serem encontradas; e quando retornava à noite de jantares, era comum ter abordagem de seguranças do hotel me questionando se eu era hóspede. Então, desde muito jovem eu já sabia o que era o racismo*”.

Anderson relatou que foi morando em um apartamento no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, que teve as experiências mais contundentes de racismo. Ele pretendia alugar quartos do imóvel para hóspedes por meio de aplicativos. Contudo, as pessoas se negaram a ficar dentro de sua casa por ser ele um anfitrião negro. Naquele momento, percebeu que não poderia fornecer um serviço que o submetesse a viver situações de racismo dentro da própria casa. Essa situação o feria diretamente como cidadão e como consumidor que estava pagando por um serviço em uma plataforma digital. A partir desse momento, percebeu a necessidade da existência de serviços dentro do mercado de turismo que tratasse pessoas negras com atendimento mais qualificado e inclusivo, para eliminar a situação de racismo que consumidores negros costumeiramente vivenciam. Assim, criou uma startup com propósito social e a missão de promover o conhecimento de lugares, pessoas, histórias e patrimônios da população negra. A empresa tem também o objetivo de tornar pessoas negras anfitriãs, por acreditar que dessa forma contribui para fazer com que a hospedagem de pessoas negras seja mais agradável, reduzindo a possibilidade de hóspedes e anfitriões negros serem vítimas de racismo.

Sobre os maiores obstáculos encontrados na sua atuação como empreendedor, Anderson destacou que a jornada para empreender no nosso país é desafiadora para qualquer pessoa. Os desafios estão na estrutura de como se opera o estímulo à abertura de empresas. O que se encontra é muita burocracia e uma carga tributária que atrapalha muito o desenvolvimento do negócio em suas primeiras fases. Porém, acredita que para o empreendedor negro os desafios são bem maiores, uma vez que o racismo está inserido na estrutura da sociedade brasileira, colocando maiores barreiras para quem é negro. Para ele, o empreendedor negro, do ponto de vista econômico-financeiro, não vem de um lugar que tenha família e uma boa rede de contatos para ajudar a potencializar os primeiros anos do negócio. Então quando esse empreendedor vai para uma instituição financeira para conseguir crédito, enfrenta o obstáculo da confiabilidade ligada diretamente ao racismo. Ele enfocou esse aspecto na seguinte passagem de sua entrevista:

Eu tenho a compreensão do que representa ser negro nesse país racista. Sei que sou parte de uma estrutura desigual e que dentro dos mecanismos financeiros, de oportunidades e acesso, sobretudo para empreendedores negros, os desafios serão maiores para mim, que faço parte desse grupo, do que para uma pessoa não negra.

A startup criada por Anderson superou desafios desde o começo. No início, quando tinham apenas a ideia, era necessário entender como fazer para que essa boa ideia se tornasse um negócio de fato. Para isso, os envolvidos participaram em 2017 de um curso na aceleradora de startups Ace e em seguida foram para a primeira aceleração na Yunus com a Oi Futuro, também em 2017. Essa aceleração ajudou a desenvolver o plano para iniciar a operação e abriu portas para uma segunda aceleração mais qualificada, lançada pelo Facebook no Brasil em parceria com a aceleradora Artemísia, localizada em São Paulo. Essa segunda aceleração, que ocorreu em 2018, ajudou a empresa a validar mais serviços da plataforma digital. Nessa oportunidade, dentre as startups que participaram do programa, a que foi criada por Anderson teve um dos melhores resultados, tanto de aproveitamento do programa, quanto de crescimento. O ótimo resultado gerou novas oportunidades para diálogo com fundos de investimento e resultou em um convite de um dos maiores Hubs de inovação do país, o InovaBra do Banco Bradesco, para que a sede da empresa fosse levada para dentro da estrutura física do Hub e

participasse de seu programa de aceleração. Como consequência de toda essa trajetória, veio em 2019 o primeiro aporte realizado por investidores.

Quanto ao entendimento por parte dos agentes que compõem o ecossistema de inovação sobre as particularidades vividas pelos empreendedores negros, Anderson destacou que atualmente esse entendimento é diferente se comparado ao que ele percebia a cinco anos. Para ele, houve uma evolução nesse aspecto. Considera que as aceleradoras pelas quais sua empresa participou já entenderam a necessidade de apoiar e fomentar o empreendedorismo negro. Acrescentou que elas têm a sua empresa como referência, uma vez que foi uma das primeiras startups criada por negros que participou de grandes programas de aceleração no país. Ainda segundo ele, hoje é possível notar uma repercussão maior das falas e posicionamentos de empreendedores negros, ou da ausência de representação negra nesses espaços. Isso coloca esses agentes do ecossistema de inovação em situação de constrangimento, levando-os a investir na inclusão e na equidade racial. Porém, ressaltou que ainda estamos longe do que seria de fato necessário ser feito nesse campo. Dentre as maiores conquistas de sua startup, ele destacou que em 2022 recebeu um prêmio da Organização Mundial do Turismo, que reconheceu a sua empresa como a principal marca de afro-turismo da América Latina. Figurou também entre os três primeiros colocados no Prêmio Empreendedor Social da Folha de São Paulo. De toda forma, segundo ele, a principal conquista da empresa nesse 2022 foi superar a meta de resultados do negócio, tendo um crescimento sustentável, mesmo em um ano cheio de desafios para o país e principalmente para a economia, por conta da pandemia do COVID-19.

A experiência de Kevin

Kevin nasceu na zona sul de São Paulo, tem 37 anos, é solteiro e o seu empreendimento possui 25 funcionários. cursou a graduação em serviço social, curso que lhe levou a perceber que educação e alimentação são direitos básicos da população. Com 21 anos foi para Portugal, com a intenção de sair da realidade cruel onde vivia, e lá trabalhou em restaurantes de diferentes portes. Contou que no início lavava louça, mas depois passou a de fato cozinhar, quando foi adquirindo grande experiência ao longo de seis anos. Após voltar para o Brasil, decidiu deixar um trabalho CLT em uma ONG, para junto com uma sócia empreender uma escola de gastronomia dentro da comunidade da periferia de São Paulo para pessoas da própria comunidade. Além das aulas presenciais, o seu negócio conta com uma plataforma digital, que foi desenvolvida durante a pandemia, e fornece com aulas online, e um restaurante escola localizado num bairro de classe média alta da zona oeste de São Paulo. Sobre os maiores obstáculos enfrentados pela empresa em seu início, Kevin também apontou o acesso ao crédito e outros investimentos. *“Como convencer os investidores, a partir de uma lógica periférica e preta, que algo que você está fazendo é importante e realmente impacta diretamente a vida das pessoas, a ponto de eles investirem o seu capital na sua empresa?”*, indagou ele. A segunda principal dificuldade ressaltada por ele diz respeito aos impostos cobrados das pequenas empresas no Brasil. Kevin destacou que elas pagam proporcionalmente o mesmo percentual de tributos de empresas grandes, “multibilionárias”.

Ele sinalizou ainda a questão identidade étnico-racial dos empreendedores negros. Destacou a diferença de tratamento que pessoas negras e periféricas sentem quanto à circulação em certos espaços, evidenciando mais uma vez a barreira imposta pelo racismo estrutural e ressaltando as consequências que o racismo pode acarretar no plano individual. Mencionou esse aspecto destacando que quando uma pessoa negra alcança um lugar que não foi preparada para estar, o de empreendedora, por exemplo, ela precisa gerir uma equipe, entender de finanças, tecnologia e negócios. Isso a coloca numa posição social acima das pessoas do seu lugar de origem, mas ainda abaixo dos que vieram de lugares de elite, estudaram em boas escolas e não são negros. Disse que, por consequência, é comum que a pessoa nessa situação de privilégios

desconfie da sua competência para estar naquela posição, para ocupar aquele espaço. Assim, o racismo estrutural tem consequências subjetivas. As acelerações que a sua empresa participou e os treinamentos individuais que Kevin pôde realizar, como por exemplo cursos de negócios na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-FGV), foram fundamentais para superação dessas barreiras interpostas pelo racismo estrutural. Somado a isso, pessoas influentes que acreditam na causa, e no seu negócio, também o apoiaram. Essa junção de diversos fatores culminou em bons resultados para a sua empresa.

Como principal oportunidade, Kevin apontou que o momento atual é ótimo para os empreendedores negros, pois nunca a pauta racial em relação aos negócios foi tão discutida quanto está sendo atualmente. Ele considera que, ainda que esse movimento seja discreto em relação ao que poderia ser, não há como negar as oportunidades, como por exemplo a existência de incentivos de empresas e fundos apoiando empreendedores negros. Contudo, ressaltou que tais investimentos ainda são baixos, quando comparados a investimentos recebidos por startups de pessoas não negras e que não são periféricas. Para ele, enquanto quem tomar decisões importantes referentes ao mundo dos negócios forem exclusivamente pessoas brancas, as particularidades vivenciadas pelos empreendedores negros, e especialmente as suas dificuldades, não serão percebidas ou entendidas. Para que exista uma equidade entre os diferentes perfis de empreendedores, segundo ele, os negros precisariam estar em posição de tomar decisões importantes. Somente desta forma as particularidades dos empreendedores negros seriam assistidas de fato. Em relação a outros empreendedores negros, Kevin destacou que a adversidade vivida pela população negra periférica tem um potencial de gerar solidariedade e inovação social e de negócio. “É importante ressaltar que a população negra em geral precisa colaborar com negócios pretos para fortalecer e empoderar a comunidade”, destacou ele. “As pessoas pretas precisam despertar para essa consciência de que cada um tem o poder de escolher onde gastar seu próprio dinheiro”, complementou.

Dentre as principais conquistas alcançadas pela sua empresa, Kevin destacou o reconhecimento alcançado por alunos formados na sua escola de gastronomia e estão trabalhando na área ou abrindo o próprio negócio. Em relação a prêmios, disse que recebeu em 2022 o prêmio inspiração promovido pela Globo e sua empresa conquistou outros dentro e fora do país, mas acredita que isso é insuficiente para um empreendimento que se inicia com tantas dificuldades. Ele abordou com acidez esse aspecto no trecho da entrevista transcrito abaixo:

Chega disso de receber troféu ou menção honrosa. Quem busca troféus são pessoas brancas. Nós queremos reconhecimento em dinheiro, e se for prêmio, que venha em dinheiro, porque nosso negócio é fantástico e, mesmo com dificuldades e com altos impostos, nós fazemos isso com muita verdade.

Uma visão de conjunto das três experiências

Nas entrevistas realizadas foi possível notar que nenhum dos empreendedores nasceu em meio a privilégios; muito pelo contrário, todos vieram de realidades bem modestas. Porém, mesmo com as dificuldades causadas pela pobreza, todos frequentaram o ensino superior e se formaram. Por mais que tenham tido motivações diferentes para empreender, eles escolheram a atividade empreendedora por um propósito, ligado à questão social e racial. Optaram por criar startups em razão das situações constrangedoras que aconteceram com eles próprios, ou com conhecidos. Sendo assim, buscaram mudar a realidade e o contexto de vida das pessoas pretas e periféricas por meio de suas iniciativas empreendedoras. Esses argumentos corroboram Jones (2017), que aponta quatro conceitos principais interligados a ação de empreendedores negros: empoderamento econômico, empoderamento comunitário, legado, e empoderamento da justiça social. Dessa forma, mostra que o empreendedorismo negro é um ato de resistência, uma forma de empoderamento cultural apesar da discriminação e marginalização sofrida pelos negros.

Outro ponto em comum que chama a atenção é que por falta de experiência empresarial, no início do ciclo de vidas dos seus empreendimentos, todos os entrevistados foram buscar conhecimentos para poder gerir o negócio. Isso corrobora Fairlie (1999), para quem os negros em sua maioria não possuem um negócio próprio na família, o que contribui para a falta de experiência empresarial. E Fairlie e Meyer (2000), que argumentam que ter pouca experiência empresarial tem um efeito negativo direto no desempenho de empresas criadas por empreendedores negros. Para superar essa lacuna, os entrevistados estudaram temas como gestão de negócios, empreendedorismo, inovação, tecnologia e principalmente procuraram entender como funciona o ecossistema de startups. Conhecimentos específicos de cada ramo de atividades também foram buscados. Não somente cursos, mas também dados e estudos sobre os mercados que pretendiam explorar.

Em relação aos desafios e barreiras enfrentadas, os três entrevistados apontaram a carga tributária que incide sobre pequenas empresas. Para eles, isso dificulta muito o desenvolvimento do negócio no período inicial. Ressaltaram que consideram injusto que uma pequena empresa pague o mesmo percentual de impostos que grandes empresas pagam. Outra barreira citada foi a dificuldade de conseguir capital por meio de investidores. Esse argumento confirma o que Fairlie, Robb e Robinson (2020) apontam sobre análise das disparidades raciais no acesso ao capital para novos empreendimentos. Eles ressaltam que para os empreendedores negros o investimento em startups é mais restrito fazendo com que essas empresas comecem pequenas e assim permaneçam ao longo dos primeiros oito anos de atividade, o que dificulta seu desenvolvimento. Os empreendedores negros entrevistados sinalizaram que os investidores, por serem em sua maioria homens brancos oriundos de camadas privilegiadas, desconhecem a importância e a relevância da pauta racial nos negócios. Teixeira (2001) e Kopkin (2017), confirmam também que os empreendedores negros encontram mais barreiras para iniciar a operação de seus negócios, especificamente pelas dificuldades para conseguir crédito/empréstimos de instituições financeiras e bancos. E para Oliveira, Pereira e Souza (2013), as questões étnicas influenciam a dinâmica dos empreendimentos realizados pelos negros, sobretudo no que se refere à captação de recursos. Além disso, o tratamento oferecido nesses espaços não é o mesmo que as pessoas brancas recebem. Em síntese, convencer homens brancos que um serviço que promove equidade racial e social transforma vidas e impacta de forma positiva a sociedade, podendo se constituir num bom negócio, é um desafio grande.

Os programas de aceleração que seus empreendimentos puderam participar e a educação que cada um teve acesso foram as principais molas propulsoras para que as startups que iniciaram alcançassem bons resultados. Identificar pessoas negras e não negras relevantes no ecossistema de inovação, sensíveis às pautas sociais e raciais, foi também considerado por eles como um aspecto fundamental para a superação de barreiras impostas pelo racismo estrutural. Por fim, reconhecem que o momento atual é mais favorável do que aquele existente há alguns anos, mesmo ainda sendo insuficiente em relação ao que poderia ser. O movimento de abertura no ecossistema de inovação no sentido da promoção da equidade racial leva a empresa que não estiver dando atenção a isso a passar por constrangimentos. Isso amplia o leque de parcerias que esses empreendedores disseram poder fazer nos seus ambientes de negócios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho traz os resultados de uma pesquisa sobre o empreendedorismo negro em suas relações com o ecossistema de inovação. Pretendeu-se investigar como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups e quais obstáculos e oportunidades encontram na gestão dos seus negócios. Percebeu-se que as histórias de vida desses empreendedores os habilitaram a iniciarem negócios nos segmentos que

escolheram. Os resultados evidenciaram que as experiências vivenciadas pelos entrevistados no universo das startups têm sido marcadas por barreiras semelhantes. A principal delas foi a captação de recursos no mercado financeiro, seja por investidores, seja por instituições financeiras. O acesso ao crédito via instituições financeiras muitas vezes é negado a estes empreendedores simplesmente pelo racismo, ou pela sua origem de classe. Ademais, a pessoa negra não possui nesses espaços o mesmo tratamento recebido pelas pessoas brancas. De maneira resumida, é possível dizer que convencer homens não negros a investirem capital em serviços que promovem equidade racial e social não é algo evidente.

Apesar dessas e de outras barreiras, os empreendedores negros entrevistados não ficaram paralisados. Eles procuraram superar os desafios e aproveitar oportunidades que também tiveram. A superação dos desafios se deu, por exemplo, pela via do agenciamento de uma rede de contatos com pessoas negras, ou brancas sensíveis à causa social e racial, que possuíam maior experiência com empreendedorismo e com o ecossistema de inovação. Dessa forma, foram abrindo portas que os levaram a participar de importantes programas de aceleração. Outra oportunidade que souberam aproveitar foi o momento mais favorável hoje do que há alguns anos quanto à importância da agenda referente à equidade racial no mundo dos negócios, incluindo aquele referente às startups.

Ainda que esse estudo possa ter trazido algumas contribuições à compreensão do fenômeno do empreendedorismo negro, ele apresenta limitações. Uma primeira que é possível apontar diz respeito ao número reduzido de empreendedores entrevistados. Porém, acredita-se ser isto algo compreensível, uma vez que se tratou de um estudo exploratório. Outra limitação se refere aos dados utilizados na investigação: as entrevistas com esses empreendedores. Tais dados podem ser triangulados com ao menos três outras fontes: uma survey sobre empreendedorismo negro já realizada por organizações do ecossistema de inovação lideradas pela Feira Preta, informações presentes em sites e redes sociais dos negócios abertos por esses empreendedores, e em reportagens veiculadas na mídia sobre eles.

Como recomendação para pesquisas futuras pode-se sugerir um aprofundamento do tema tanto pela via quantitativa, quanto pela via qualitativa. Nesse caso, além da superação dos limites apontados acima, valeria explorar as experiências de empreendedoras negras. Dessa forma, a análise do fenômeno ampliaria a sua complexidade, na medida em que seria realizada a partir de uma perspectiva interseccional, atenta as articulações entre raça, classe e gênero. Por fim, duas últimas sugestões. A primeira: refletir, de maneira comparativa, sobre as experiências de empreendedores negros que empreendem em segmentos distintos como Fintechs, Healthtech, Foodtech, Afroturismo, etc. Talvez o racismo estrutural traga mais barreiras para negros iniciarem negócios em setores elitizados, como finanças e saúde, do que naqueles como turismo e gastronomia. A segunda: levar em conta os chamados negócios pretos na área de tecnologia e inovação em diferentes regiões do Brasil. Apesar dos muitos obstáculos que pessoas negras encontram para empreender, esses negócios pretos têm se multiplicado em diversas cidades brasileiras e já não são raros os casos de empreendedores negros que despontam na mídia como exemplos de sucesso enquanto empreendedores. Mas, será que essa visibilidade se ancora em negócios sustentáveis, ou são o reflexo de uma mistificação em torno de casos individuais para encobrir as desigualdades raciais e o racismo estrutural?

REFERENCIAS

BATES, T. Trends in Promoting Government to Black Entrepreneurship. **The Review of Black Political Economy**, n. 5, p. 175-184, Dezembro 1975.

BATES, T. The urban development potential of black-owned businesses. **Journal of the American Planning Association**, v. 72, n. 2, p. 227-237, 2006.

BOYD, R. L. A “Body of Business Makers”: The Detroit Housewives League, Black Women Entrepreneurs, and the Rise of Detroit’s African American Business Community. **Enterprise & Society**, v. 23, n. 1, p. 164 – 205. 2020.

BOYD, R. L. Black Retail Enterprise and Racial Segregation in Northern Cities before the “Ghetto. **Sociological Perspectives**, v. 53, n. 3, p. 397–417, 2010.

BOYD, R. L. Demographic Change and Entrepreneurial Occupations: African Americans in Northern Cities. **The American Journal of Economy and Sociology**, v. 55, n. 2, p. 129-143, 1996.

BOYD, R. L. Residential Segregation by Race and Blacks Merchants from Northern Cities during the Beginning of the Twentieth Century. **Sociological Forum**, v. 13, p. 595-609, 1998.

BOYD, R. L. Survivalist entrepreneurship among urban blacks during the Great Depression: A test of the disadvantage theory of business enterprise. **Social Science Quarterly**, v. 81, n. 4, p. 972-984, 2000.

BOYD, R. L. The Great Migration to the North and the “Black Metropolis” of the early twentieth century: A reevaluation of the role of Black community size. **The Social Science Journal**, v. 51, n. 1, p. 6-11, 2019.

COLES, F. A. Financial Institutions and the Afro-Entrepreneurship. *Journal of Black Studies*, v. 3, n. 3, p. 329-349, Março 1973.

CONLEY, N.; BILIMORIA, D. Barriers and Mitigating Strategies of Entrepreneurial Business Growth: The Role of Entrepreneur Race and Gender. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 13, n. 3 p. 341 – 439, 2022.

EDELMAN, D. C. Online Women’s Magazines: Differences in Perceptions between Print and Online Magazines among Female Readers. **Harvard Business Review**, n. 88, p. 63 – 69. 2010.

FAIRLIE, R. W.; MEYER, B. D. Trends in Self-Employment among White and Black Men During the Twentieth Century. **The Journal of Human Resources**, v. 35, n. 4, p. 643-669, 2000.

FAIRLIE, R. W.; ROBB, A.; ROBINSON, D. T. Black and White: Access to Capital among Minority-Owned Startups. **NBER Working Paper**, n. 281554, 2020.

FAIRLIE, R. W. The Absence of the African-American Owned Business: An Analysis of the Dynamics of Self-Employment. **Journal of Labor Economics**, v. 17, n. 1, p. 80-108, 1999.

FARIAS, J. P. B.; PIMENTEL, J. M. V.; SANTOS, L. C. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n 2, p. 51-65, 2021.

FESSELMAYER, E.; SEAH, K. Y. Neighborhood Segregation and Black Entrepreneurship. **Economics Letters**, n. 154, p. 88-91, 2017.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR; IBQP – INSTITUTO BRASILEIRO DE PRODUTIVIDADE; SEBRE . Empreendedorismo no Brasil. 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 25 junho 2022.

GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

HARPER-ANDERSON, E. Contemporary Black Entrepreneurship in Chicago's Professional Services Sector: Intersections of Race, Entrepreneurship and Economics Transformation. **Urban Affairs Review**, v. 51, n. 3, p. 1–32, 2017.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.

IRONS, E. D. Afro-entrepreneurship: its justification, its Problems, its Perspectives. **Phylon**, v. 37, n. 1, p. 12-25, 1976.

JONES, N. N. Rhetorical Narratives of Black Entrepreneurs: The Business of Race, Agency, and Cultural Empowerment. **Journal of Business and Technical Communication**, v.31, n. 3, p. 319–349, 2017.

KOLLINGER, P.; MINNITI, M. It's not for lack of trying: Entrepreneurship in Black and White. **Small Business Economics**, n. 27, p. 59–79, 2006.

KOPKIN, N. Does Racial Prejudice Affect Black Entrepreneurship?: Spatial Evidence Exploring Differences in Prejudiced Atitudes. **Applied Economics**, v. 49, n. 31, p. 3045–3066, 2017.

LEVINE, CH. Afroentrepreneurship in the Ghetto - Recruitment Strategy. **Land Economics**, v. 48, n. 3, p. 269-273, 1972.

LIGHT, I. H. Disadvantaged minorities in self-employment. **International Journal of Comparative Sociology**, v. 20, n. 1/2, p. 31-45, 1979.

LIGHT, I. H. Ethnic Enterprise in America: Business and Welfare Among Chinese, Japanese, and Blacks. Berkley, Los Angeles: University of California Press, 1972.

MUNDO NEGRO. **A diversidade das startups e o futuro desse mercado**. 2022. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/a-diversidade-nas-startups-e-o-futuro-desse-mercado/>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

OGBOLU, M.N.; SINGH, R.P.; WILBON, A. Legitimity, Attitudes and Intended Sponsorship: Understanding the Challenges Facing Black Entrepreneurs. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 20, n. 1, 2015.

OLIVEIRA, J. S.; PEREIRA, J. A.; SOUZA, M. C. D. Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. *Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 11, n. 2. 2013.

RAM, M.; SMALLBONE, D. Policies to support ethnic minority enterprise: the English experience. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 15, n. 2, p. 151-166. 2003.

RAZIN, E.; LIGHT, I. Ethnic Entrepreneurs in America's Largest Metropolitan Areas. **Urban Affairs Review**, v. 33, n. 3, p. 332-360, Jan. 1998.

REZENDE, A.; MAFRA, F.; PEREIRA, J. Empreendedorismo Negro e Salões Étnicos: Possibilidades de Resistências na (re)Construção Social da Identidade Negra. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 589-609, out./dez. 2018.

SANTOS, E. L. S.; OLIVEIRA, J. S. Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n 9718, 2020.

SEBRAE. **Afroempreendedorismo cresce atuação no Brasil**. 2020. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/afroempreendedorismo-cresce-atuacao-no-brasil,54994b31ad5e5710VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SILVERMAN, R. M. The Effects of Racism and Racial Dinscrimination on Minority Business Development: The Case of Black Manufacturers on Chicago Ethnic Beauty Aids Industry. *Journal of social history*, v. 31, n. 3, p. 571-597, 1998.

SONFIELD, M. C. Progress and Success in Development of Black Property Franchise Units. **The Review of Black Political Economy**, n. 22, p. 73-87, 1993.

TEIXEIRA, C. Community Resources and Opportunities in Ethnic Economies: A Portuguese Case Study and Black Entrepreneurs in Toronto. **Urban Studies**, v. 38, n. 11, p. 2055–2078, 2001.